

INTERAÇÃO PROFESSOR/ALUNO

Alana Mendes Ferreira Pinto

Licenciada em Letra-Inglês-UFMA.
<https://orcid.org/0009-0000-2024-9215>
E-mail: alanauema2025@gmail.com

Jovana Benedita Nascimento Silva

Licenciada em Letras- UFMA- PROEB. Licenciada em Pedagogia- FATEH.
<https://orcid.org/0009-0009-7540-2147>
E-mail: jovana_bns@yahoo.com.br

Ozenê Reis Martins

Licenciado em Ciências Exatas com Licenciatura Plena em Matemática -UEMA, Licenciatura Plena em Pedagogia- Faculdade Santa Fé.
<https://orcid.org/0009-0005-4227-8566>
E-mail: Profozenereis5@gmail.com

Roselia Beatriz Oliveira

Licenciada em Pedagogia – UEMA. Filosofia - Faculdade Pan Americana. Ciências da Religião -IESEMA. Pós-Graduação Psicopedagoga Clínica e Institucional - Faculdade De Tecnologia Equipe Darwin.
<https://orcid.org/0009-0008-3424-1669>
E-mail: oliveira.roselia@hotmail.com

DOI-Geral: <http://dx.doi.org/10.47538/RA-2025.V4N4>

DOI-Individual: <http://dx.doi.org/10.47538/RA-2025.V4N4-21>

RESUMO: O texto discute a educação como uma realidade espiritual que ultrapassa o campo abstrato, constituindo uma necessidade essencial expressa na relação dialógica entre educador e educando. Essa relação, quando harmoniosa, integra o desejo de ensinar e o desejo de aprender, formando um corpo indivisível que sustenta a experiência humana com o mundo. O professor é compreendido como um ser que educa na medida em que exerce sua prática, unindo dimensões materiais e espirituais em um processo marcado pela interação e pela troca contínua. Assim, ensinar não é um ato unilateral, mas um movimento compartilhado que envolve compromisso, participação e confiança mútua. A reflexão destaca que a simples presença em sala de aula não qualifica alguém como educador: tal identidade se revela na ação efetiva de educar. A pedagogia socrática é retomada para reforçar que o professor aprende enquanto ensina, estabelecendo um ciclo de realimentação que favorece ambos os sujeitos. No entanto, o texto critica o distanciamento professor-aluno presente em muitos modelos escolares, que gera contradições e fragiliza o processo educativo. Obras como a de Hamilton Werneck são citadas para evidenciar o problema do “fingimento” na prática docente, no qual o professor aparenta ensinar e o aluno finge aprender. Assim, o texto defende uma educação fundada na reciprocidade, na espiritualidade da relação e na superação de práticas mecanizadas e autoritárias.

PALAVRAS-CHAVE: Relação pedagógica. Interação educador-educando. Educação crítica.

TEACHER/STUDENT INTERACTION

ABSTRACT: The text discusses education as a spiritual reality that goes beyond the abstract sphere, constituting an essential need expressed in the dialogical relationship between educator and learner. When harmonious, this relationship integrates the desire to teach and the desire to learn, forming an indivisible body that sustains human experience in the world. The teacher is understood as someone who educates through the exercise of their practice, uniting material and spiritual dimensions in a process marked by interaction and continuous exchange. Thus, teaching is not a unilateral act, but a shared movement that involves commitment, participation, and mutual trust. The discussion emphasizes that merely being present in the classroom does not qualify someone as an educator; such identity is revealed through the effective act of educating. Socratic pedagogy is invoked to reinforce the idea that the teacher learns while teaching, establishing a feedback cycle that benefits both subjects. However, the text criticizes the prevalent teacher–student distancing found in many school models, which generates contradictions and weakens the educational process. Works such as those by Hamilton Werneck are cited to highlight the issue of “pretending” in teaching practice, in which the teacher appears to teach and the student pretends to learn. Thus, the text advocates for an education based on reciprocity, the spiritual dimension of relationships, and the overcoming of mechanized and authoritarian practices.

KEYWORDS: Pedagogical relationship. Educator–learner interaction. Critical education.

INTRODUÇÃO

A educação, embora localizada no campo simbólico, não é rigorosamente uma coisa abstrata, mas uma realidade espiritual que sintetiza uma necessidade *a priori*. A relação educador/educando, ao se processar de forma harmoniosa, isto é, juntando-se o querer ensinar ao querer aprender, é um corpo indivisível que consubstancia a experiência com o mundo. Essa unidade espiritual enfatiza e realça a qualidade do professor, o qual é educador enquanto educa, e o quanto educa. Assim a realidade do professor se expressa em seu educar efetivo, caracterizando-se assim uma ação espiritual harmônica, biunívoca, tendo no aluno o fechamento da sintetização que satisfaz essa necessidade *a priori*.

Dissemos anteriormente que o professor é educador enquanto e quanto educa. É, portanto, em parte, um ser espiritual, pensante, o qual, enquanto ente material desenvolve uma atividade indiscutivelmente acionada pelo espírito. Não estamos pregando uma ética idealista, mas esta relação da qual falamos é o que se espera de um processo educativo próximo do ideal. O professor é um ente que tem atravessado o tempo, demonstrando incrível capacidade de sobrevivência. O motivo disso é o seu relacionamento espiritual

com a arte a qual abraçou. Portanto “ensinar” não pode ser entendido de forma genérica, unilateral, como dissemos anteriormente. “Os estudantes não são mais dóceis ouvintes, são agora co-investigadores críticos em diálogo com o professor”¹. Essa característica, esse relacionamento, essa necessidade de participação, advém da constante interação professor-aluno. É a confiança adquirida ao longo de constantes exposições, a despeito das barreiras que insistentemente se levantam, não apenas diante do professor, mas diante de todo o sistema educativo contemporâneo.

A tarefa de educar requer uma boa parcela de desprendimento material daquele que a prática. O simples fato de estar numa sala de aula, diante de alunos, não qualifica ninguém como educador. Educador não é aquele que se supõe capaz de educar, mas aquele que, de fato, educa, e o seu mérito reside exclusivamente naquilo que faz, e o quanto faz. Assim, quando alguém se nos apresenta como educador, não devemos aceitar tal título, sem antes conhecermos o lado espiritual de quem dessa forma se qualifica. Ensinar, portanto, requer interação. Requer ainda entrosamento de ideais e de espíritos, culminando com a fusão de todo o imaterial que pertence a ambos: educador-educando.

O professor, dissemos, aprende enquanto ensina. Provém da pedagogia socrática essa afirmação. Tanto isso é verdade que, um professor de Matemática, por exemplo, ao ensinar, tudo o que de mais importante os alunos devem saber, é ele quem o diz. Estuda para ensinar, e aprende enquanto explica determinado tema. O educador, pelo ato de educar, se faz educador. O educando, ao se beneficiar da educação, torna-se educando. Daí conclui-se que o relacionamento espiritual de ambos se processa pela fusão de partes complementares pertencentes a eles, professor e alunos. É a dualidade da alma proposta por Platão, e é a preparação para a morte, no entender de Sócrates em conversa com símias.

O fato do educador se educar enquanto educa não é um circuito fechado, nem uma dependência desonrosa. Trata-se de uma modalidade de *feedback*, quer dizer, realimentação, pouco estudada, por ser demasiadamente sutil. O distanciamento professor-aluno, imposto por muitas escolas tem produzido, durante muito tempo, infinitas contradições. Tal distanciamento tem sua origem na falta de autoconfiança dos

¹ FREIRE, Paulo. *Pedagogy of the oppressed*. New York: Herder and Herder, 1972. p.68

professores, vítimas também que foram (e são) de modelos educacionais enganosos, sobretudo bastante equivocados. A apreciação moderna desse distanciamento, ainda que de forma sarcástica, já ganhou as páginas do bem-sucedido livro *Se você finge que ensina, eu finjo que aprendo*. Nessa obra, seu autor, Hamilton Werneck elaborou a mais engraçada e fiel crítica à falta de comprometimento do professor, numa “total burla do necessário e de qualquer espécie de trabalho duro na direção de um aprendizado capaz de garantir o domínio do assunto em pauta”². O fingimento é assunto constante em todas as pautas de ensino, sendo esse argumento utilizado para conferir ao professor uma falsa autoridade, completamente destituída de consistência. Isso quer dizer que a autoridade do professor nem sempre deriva do seu saber, mas do fingir que sabe.

O professor em sala de aula, adotado o livro texto, é capaz de transportá-lo debaixo do braço, sofrendo o material escolar a ação de vários tipos de desodorante. Os alunos compram o livro. São às vezes obrigados a levar o material e há escolas exigindo a apresentação do material escolar completo. Na realidade, a aula versa sobre qualquer coisa, menos sobre os assuntos do livro³.

Citamos apenas um dentre muitos exemplos de dissociação e distanciamento das escolas com a realidade. Como ser pensante o professor caminha para o retrocesso intelectual. Como objeto em expectativa, o aluno é vítima involuntária e inconsciente do fingimento. É o professor acreditando ter repassado conhecimento ao aluno, e este confiando que o recebeu.

“A concepção bancária de educação” segundo Paulo Freire “mantém e estimula a contradição através de alguns aspectos”, dentre eles o de que “o professor tudo sabe e os alunos tudo desconhecem”⁴. Nesse modelo a educação nada mais é do que a ação de depositar, no que os alunos funcionam como caixas coletoras, e o professor é sempre aquele que deposita. O diálogo, como pré-requisito ao processo de interação, permanece de fora, vindo o retorno ou *feedback* somente ser conhecido por meio de testes e provas, o que, de certa forma, é uma das muitas modalidades de violência?

² WERNECK, Hamilton. *Se você finge que ensina, eu finjo que aprendo*, 4ª ed. Petrópolis: Vozes, 1992, p.13

³ WERNECK, Hamilton, op. cit. p.13-14

⁴ FREIRE, Paulo, op. cit. p.59

UMA CONFUSÃO PEDAGÓGICA

Há educadores modernos os quais, ao defenderem um ensino eficaz, dinâmico e modernizado, acabam se envolvendo no labirinto das contradições que eles próprios criam. Acusam as escolas de dedicarem tempos exíguos à absorção, por parte dos alunos, a um mínimo de conhecimentos básicos à sua formação. Paradoxalmente criticam a escola moderna, por ensinar exatamente aquilo o que mantém os alunos como seres racionais.

Temos o caso de Hamilton Werneck, conhecido professor, citado anteriormente, o qual, no afã de se apresentar nacionalmente como crítico do sistema educacional de hoje, acaba cometendo enganos dignos de observação. Em certo momento de um dos seus mais lidos trabalhos, Werneck argumenta: “A nossa escola prima pela perda de tempo. Imaginem o que se gasta com o aprendizado de raiz quadrada e logaritmo. A máquina de calcular faz isto com rapidez”⁵. Ao condenar ainda o uso da tabuada, alegando que a calculadora obtém resultados precisos muito depressa, vem o pedagogo em questão atacando o pensamento que ele chama “conservador”. Segundo esse argumento de Werneck, ao se abolir o uso da tabuada, reduz-se a capacidade de raciocinar do estudante⁶. Percebemos aqui que Hamilton Werneck não critica a escola naquilo o que ela tem de antiquado ou obsoleto. Critica inclusive o incentivo ao mecanismo criador do ato de raciocinar. É exatamente o raciocínio que nos qualifica e nos determina como humanos. Claro está que, sem a faculdade de raciocinar em nada seríamos diferentes dos outros animais.

Estamos citando apenas um caso, o de um professor que conhece perfeitamente os nossos problemas educacionais. Nele criticamos a falta de estabilidade e coerência nas afirmações. Outros educadores têm a mesma opinião de H. Werneck. Prova disso é a implantação e uso do sistema educacional que aí está.

Na defesa do argumento sobre a máquina de calcular e a tabuada, Werneck oferece a seguinte retórica: “A caso nos edifícios onde a cozinha funciona a gás ou eletricidade há algum fogão a lenha esperando a falha do sistema moderno?”⁷

⁵ WERNECK, Hamilton. *Ensinao demais, aprendemos de menos*, 4ª ed. Petrópolis: Vozes, 191. p.16

⁶ IBIDEM.

⁷ IBIDEM

Defendendo simultaneamente o investimento maciço em computadores e a manutenção dos bons livros em bibliotecas. Werneck. abomina veementemente o livro descartável. Quanto a este, acusa os editores como os únicos beneficiadores⁸. Ora, incentivar o uso e abuso da máquina, ao mesmo tempo em que se preserva o livro, nos dias de hoje, julgamos ser isso algo contraditório. Sabe-se, e já dissemos, que a tendência dos usuários de computadores é a rejeição futura, pura e simples de qualquer material impresso. O que vemos hoje, de maneira crescente e manifesta, são as formas ditas virtuais de ensino, com as consequentes consultas a arquivos, também virtuais, por conta da maravilha da Internet. Incentivar o uso massificado da máquina e preservar o livro é querer, perdoe-nos o clichê, agradar simultaneamente a gregos e troianos. Não pretendemos nos perder aqui nesse emaranhado de observações, uma vez que já dedicamos outro ponto desse nosso trabalho a essas considerações.

A escola, depois da família, é um instituto cuja existência provém de uma necessidade social. Ela nos prepara para a vida, mas deve sempre encarar o aluno como um ser inteligente, ainda que em sentido *lato* da palavra. Devemos, sim, fazer uso da máquina, mas exigir dela extrema subordinação ao ser humano, e que execute trabalhos que nos poupem força ou energia, nunca nos buscando nos substituindo naquilo o que somente nós poderemos fazer. Se a escola não se torna capaz de desenvolver em nossos jovens a capacidade de raciocinar, um belo dia não haverá quem saiba e possa construir as máquinas, já que elas não se autoconstroem. Voltaremos à idade da pedra e nos aproximaremos das feras, como seus irmãos.

O nosso ensino não está totalmente atrasado em relação ao de outros países. Está tumultuado, confuso, misturando tecnologia com alguma dose de cultura inútil. Inútil no sentido de ensinarem aos alunos coisas perfeitamente dispensáveis, as quais não conferem aos estudantes nenhum valor.

Nos países pertencentes ao bloco do que se chama “terceiro mundo”, há uma sobrecarga inútil de conhecimentos em disciplina estritamente culturais. Os estudantes são obrigados a aprender história geral, do Brasil (no nosso caso), conhecer rios, montanhas e capitais de países do mundo inteiro, além do estudo de línguas estrangeiras.

⁸ WERNECK, Hamilton. Op. cit. p.19 e 38

Ora, todo esse conhecimento reunido nunca levou a nossa juventude a lugar algum, nem levará, enquanto brasileiros, vítimas dessa espoliação absurda e medieval. O espaço ocupado e o tempo perdido nessa educação bem poderiam ser aproveitados para uma educação melhor.

Sabemos também que em países desenvolvidos os estudos de geografia e História (citando apenas duas disciplinas) resumem-se praticamente aos fatos e situações que envolvem tais países e a comunidade mais próxima. O estudo de Geografia se faz de maneira condensada, objetiva e particularmente localizado.

Os governantes (particularmente os nossos) sempre nos oferecem um ensino abrangente e desnecessário, mas se omitiram (e se omitem) quando precisamos de mais qualificação de fato. Aham que, ao se ministrar uma quantidade enorme de conhecimentos fúteis, nossos alunos serão respeitados por outros, de países desenvolvidos. Engano puro. Plagiando Bertrand Russel, os alunos, no final, acabam “sabendo nada sobretudo”.

E O TEMPO PASSOU

Com a sequência da Dialética do Conhecimento e o inevitável avanço científico e tecnológicos os proprietários de estabelecimentos de ensino aproveitaram esse momento como milagrosa oportunidade de incrementar melhoria nos ganhos dos seus negócios. Mais que depressa criaram novos cursos, muitos deles desprovidos de significativo custo-benefício para os estudantes, também para os pais, financiadores inconscientes da malandragem empresarial dos mercadores da educação, em diversos casos

A escola, enquanto instituição, em nada mudou, desde a antiga Grécia, conforme aprendemos hoje. Os Sofistas são considerados como os primeiros professores e a Escola Sofística, criada por Protágoras e finalizada por Sócrates, tornou-se o símbolo e marco inicial do pensamento grego. A aquisição do saber sempre custou dinheiro, em muitos casos boas quantias dele. Empédocles de Agrigento dizia a seus discípulos que eles poderiam dar de graça tudo o que eles quisessem, menos o conhecimento, pois este lhes

custou muito dinheiro para obtê-lo. Então as escolas de hoje tornaram-se uma dadivosa mina de ouro, sob forma de papel moeda.

Do outro lado da cena está o professor, o verdadeiro sacerdote. Sempre dedicado ao fazer educativo, em qualquer que seja o ciclo escolar. O educador funciona como um balconista, vendendo uma mercadoria, velha conhecida, que não é sua, mas a vende com amor e dedicação. Nessa necessária relação entre o professor e os alunos a escola posiciona-se como espectadora, esperando atentamente o resultado do trabalho dos professores, os quais agem incansavelmente, tentando serem melhores no que fazem a cada dia, comprando livros com o próprio dinheiro, atualizando-se da maneira que for possível alcançar.

Quanto aos alunos, estes se apresentam suficientemente atualizados com relação a tecnologia do seu tempo. Manuseiam computadores e suas diversas programações, possuem smartphones, dominando quase tudo o que o mercado eletrônico lhes pode oferecer. Enquanto isso, o exausto professor, com a sua habitual deficiência pecuniária, tenta sobreviver, levando consigo a frustração, ao enfrentar uma didática a qual se torna mais tecnológica e numerosa a cada dia.

Quando mencionamos o termo “educar” inconscientemente estamos juntando dois conceitos e um só. Aqui entre nós, o que a escola oferece aos seus alunos é instrução, material que o ambiente familiar ordinariamente não pode oferecer. Quem de fato educa é a família de cada estudante, de acordo com a estrutura ética e moral dos respectivos pais e mães. A escola deve, ou ao menos deveria receber os alunos devidamente educados, a fim de receberem a instrução relativamente a sua idade escolar.

Temos agora algo difícil de ser entendido, ou de ser aceito: “Muitas vezes o conhecimento vale mais para os outros, do que para aquele que o possui”⁹. Ou será um passo para o infortúnio? Num diálogo com símias, um dos seus discípulos, ao avistar uma sala de aula Sócrates diz: “Vê tu também, Símias, que aqueles que ali estão, estão se preparando para morrer.”¹⁰ Podemos imaginar que o sofista estivesse usando como metáfora a sua situação, diante da justiça ateniense de então

⁹ Frase de Salomão, descrita em Eclesiastes XII, na tradução de João Ferreira de Almeida.

¹⁰ Citado por Platão em *Fédon*

Mesmo algumas escolas fingindo que ensinam, fazendo uso do “pagou passou”¹¹ elas ainda se valem da ideologia que insiste em anunciar que a aquisição do conhecimento é pesada e custa caro. Por outro lado, essa ideologia de fazer do conhecimento algo de grande valor, não foi criada agora. Todos os sofista, menos Sócrates cobrava caro para transmitir aos outros parte do que sabiam.

Na Magna Grécia Empédocles¹² de Agrigento dizia aos seus alunos: “você podem dar de graça tudo o que vocês não comprem, menos conhecimento, porque este lhes custou caro para obtê-lo. Depois de Empédocles Jesus citou a célebre sentença: “Dai de graça o que de graça receberes”¹³

Por fim vamos ressaltar o valor de cada professor, que aprende enquanto ensina, exercendo o seu ofício como verdadeiros sacerdote.

A escola, como instituição, em verdade está em segundo lugar, ao mencionarmos educação, pois esta recebe os alunos já dizendo coisas que a família lhes transmitiu, e supostamente trazem consigo a educação e um saber que está além das possibilidades familiares, e estamos apenas generalizando. Educar, dizemos, não é função da escola, mas sim dar-lhes instrução. A família deve ser venerada em qualquer que seja o lugar e o momento. É na família onde estão os primeiros professores, os quais não transferem aos filhos apenas a evolução do conhecimento *a priori*, mas também a ideia de amor sobretudo firmando-lhes o caráter.

REFERÊNCIAS

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 50. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2011.

WERNECK, Hamilton. **Se você finge que ensina, eu finjo que aprendo**. Petrópolis/RJ: Vozes, 1992.

Submissão: julho de 2025. Aceite: agosto de 2025. Publicação: novembro de 2025.

¹¹ Jargão utilizado por estudantes relapsos, que vão a escola apenas e, busca do diploma. aproveitando-se das facilidades expostas pela faculdade.

¹² Empédocles de Agrigento (495-430 a.C.) foi um filósofo, poeta e médico pré-socrático da Sicília, conhecido por sua teoria dos quatro elementos (terra, água, ar e fogo) como constituintes de tudo. Ele também propôs as forças do Amor e do Ódio, que unem e separam esses elementos. Sua obra influenciou o pensamento ocidental e incluía teorias sobre cosmologia, percepção, vida e morte. Foi ele quem inventou a Retórica

¹³ Segundo Mateus 10:8